

EDITORIAL: A GUERRA ECONÔMICA E O SILÊNCIO DA ACADEMIA

Paulo Fagundes Visentini¹

Os últimos anos têm revelado uma crescente aceleração das Relações Internacionais. Com o fim da Guerra Fria, em meados do Governo Gorbachov, a queda dos regimes socialistas no leste europeu em 1989 e a desintegração da União Soviética em 1991, houve espaço para uma reacomodação de forças no sistema mundial. Quando o vácuo foi sendo ocupado por antigos e novos atores internacionais, passou-se para uma espécie de Guerra de Posições. A China e as demais nações emergentes, especialmente as que integram o BRICS, puderam ocupar maior espaço. Mas esse precário equilíbrio foi significativamente afetado pela crise econômica nos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) a partir de 2008-2009.

Esse fenômeno se combinou com o insucesso norte-americano na Guerra ao Terrorismo no Oriente Médio e na Ásia Central. Não tardou muito para que houvesse uma reação euroamericana, tentando restaurar o *statu quo ante*. Os desdobramentos da “Primavera Árabe” constituíram o primeiro estágio de uma contra-ofensiva em cadeia (às vezes acompanhada por uma escalada militar), que prosseguiu com a projeção do poder Ocidental para a África (segundo estágio), cuja posição vinha se alterando em função da cooperação com as potências emergentes. O terceiro estágio decorreu do crescimento das tensões na Ásia oriental, que a China vem conseguindo equilibrar, mas que não cessa de

¹ Professor Titular do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em História Econômica pela USP e Coordenador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais. E-mail: paulovi@ufrgs.br.

crescer. O quarto estágio da escalada está voltado contra a Rússia de Vladimir Putin por meio do conflito da Ucrânia e das sanções dela decorrentes.

Os conflitos localizados e as tensões regionais tem recebido uma atenção *post factum* pela academia, de forma dissociada. Carecemos de uma reflexão totalizante que seja capaz de interpretar, satisfatoriamente, os acontecimentos atuais de maneira integrada. Eles parecem confusos, mas não tanto quanto a academia, que os trata como fenômenos específicos e atípicos. Assim, o que chama a atenção é o silêncio acadêmico sobre a essência do tumultuoso processo.

Quando se observa os acontecimentos no Brasil, desde as manifestações de junho de 2013 à Copa Mundial de Futebol, à eleição presidencial e à fragilização das empresas internacionalizadas (privadas e públicas) do Brasil por uma insólita onda de denúncias de corrupção, pode-se identificar o quinto estágio da reação geral. Ela também afeta a Argentina, a Venezuela e a pressão induzida pela redução do preço do petróleo. Trata-se de um estágio que utiliza, intensivamente, o chamado *smart power*, com a generalização das Revoluções Coloridas de segunda geração. E a motivação parece ser essencialmente econômica.

A difícil recuperação econômica e internacional por parte das potências norte-atlânticas tem sido conseguida à custa das reservas monetárias e do patrimônio das potências emergentes. O crescente discurso anti-BRICS está associado a esse fenômeno. Há uma verdadeira Guerra Econômica em andamento, que constitui o fio condutor que articula os conflitos e tensões contemporâneos. Ela é acompanhada de um realinhamento geopolítico habilmente engendrado pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido, visando articular um espaço geoeconômico Atlântico capaz de recuperar espaço frente ao Pacífico.

Todavia, a dimensão geopolítica pode ser considerada apenas uma decorrência da crescente competição econômica atualmente em curso. É um fenômeno que merece a atenção dos analistas no centenário da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Certamente o mundo é diferente e a história não se repete. Mas o silêncio da academia sobre os fundamentos econômicos dos atuais conflitos, manobras e tensões pode fazê-la perder o trem da história. O mundo está passando da Guerra de Posições à Guerra de Movimento.

Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS, através do Programa de Apoio à Editoração de Periódicos (PAEP) para tradução, bem

como a toda equipe que trabalhou na edição e tradução, em particular ao Assistente de Edição, Pedro Alt, e à professora Cristina Pecequilo, que colaborou com a revisão final dos artigos traduzidos à língua inglesa. E, com satisfação, informamos que o Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT), co-editor da revista AUSTRAL, juntamente com o Centro Brasileiro de Estudos Africanos (CEBRAFRICA), logo após completar quinze anos, se transferiu para a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), iniciando uma nova fase.